

MOVIMENTOS DE NEGROS

Até 1930: Clarim da Alvorada e Centro Cívico Palmares

Para que se compreenda a história dos movimentos de negros, é necessário que se comece no primeiro quartel do século, considerando duas forças que, durante muitos anos, conseguiram abafar, ou melhor, impediram, a formação de condições para que os negros tomassem consciência da situação em que se encontravam.

Uma provém do fato de "muitas famílias ^{negras} terem permanecido ligadas aos seus ex-senhores, procurando-os comumente para pedir conselhos quando precisavam tomar decisões. As tentativas de organizar-se em movimento eram infrutíferas porque os senhores diziam que isso era bobagem, que nesta terra todos são iguais";

A outra origina-se das relações de italianos e negros. "Os italianos diziam, na ocasião, que fora o rei da Itália que fizera a abolição. Tratavam bem aos negros afim de conseguirem empregados baratos. Batizavam os filhos dos negros. No Bexiga havia negros que falavam bem o italiano, jogavam baralho com eles, etc. Em uma palavra, o negro italianizou-se."

"Enquanto isso se dava aqui, nos Estados Unidos o negro não podia andar na calçada e sofria inúmeras outras restrições que o levaram a reagir e organizar-se."

Só depois da Grande Guerra, com o surto de industrialização verificado, que os "negros mais conscienciosos observaram o aparecimento da pequena burguezia de imigrantes produzir uma transformação nas camadas dirigentes, pois começavam os imigrantes a substituir uma suposta aristocracia rural, sem iniciativas na indústria e no comércio, os quais ficavam nas mãos dos italianos e turcos.

A estas transformações de estrutura social, corresponde uma série de outros sucessos que influíram na tomada de consciência por parte dos negros, de seus "problemas específicos."

"A partir da guerra de 14-18, começou a efervescência dos negócios de ismos (socialismo, comunismo). Frequentei reuniões da U.T.C., onde se embaralhava a revolta do negro com reivindicações do proletariado. Nas nossas rodas de conversa apareciam negros e brancos envolvidos nas teorias marxistas. Estes diziam que a posição verdadeira do homem negro era lutar contra a ordem social, pois a culpada da situação era a exploração do regime capitalista. ² Falavam de um famoso pintor mexicano que tinha feito um mural onde aparecia Lenine no meio de dois trabalhadores: um branco e um negro com as mãos entrelaçadas, tendo Lenine as mãos sobre eles" (deve ser nos ombros, abraçando-os). Teve também intensa repercussão no meio negro, o caso de Scotbar, pois nessa ocasião os comunistas trabalharam intensamente entre os negros no sentido de demonstrar que haviam tomado a defesa, ~~através de seu Socorro Vermelho~~ através de seu Socorro Vermelho, daquêles sete negros acusados, por mulheres brancas, de as haverem violentado. Foi com provado que essas mulheres eram prostitutas.

"Em 1920 apareceram notícias dos primeiros êxitos dos negros na música. Dizia-se aqui que os primeiros rag-time eram 'coisa de negro'".

"De 1922 a 1927, o movimento modernista trouxe a sua contribuição para a criação de uma consciência que possibilitasse a organização de um movimento de negros para atender às suas reivindicações específicas, com os negros fornecendo temas para a poesia e a pintura. Era uma espécie de reabilitação do negro para o próprio negro, pelo branco."

"Conheceu-se nessa época as ideias gauchistas de fundar um império negro na África, para cuja efetivação foram levantados milhões de dólares".

"Soube-se de movimentos de negros nos Estados Unidos, com desfiles de protesto contra restrições aos negros."

"Em 1924 já havia consciência formada, de idealismo do negro. Em Campinas, onde o emparedamento do negro era maior, essa consciência apareceu primeiro. Havia lá, um bom jornal (O Getulino) de combate e luta. De 24 a 26 Benedito Florêncio, Gervásio de Moraes e Lino Guedes transferiram-se para São Paulo e passaram a ser os principais oradores em todas as festas cívicas)" *do meio negro.*

"Começou-se a sentir a revolta que causavam os negros capangas de políticos, bajuladores, e a necessidade de formar-se um grupo consciente para lutar contra esses que tinham sentimento de inferioridade."

"Esclarece bem esta situação o jornal -O Clarim da Alvorada- que Jaime de Aguiar teve ideia de fundar, fazendo-o em companhia de José Correia Leite. Aparecendo em janeiro de 1924 com pretensões puramente literárias

rias, tornou-se um ano depois um jornal doutrinário e de luta, por força da colaboração que recebia. A orientação que se imprimiu ao jornal, neste início, foi de aproximação ao branco e recuperação do negro, além da ideia constante da necessidade de união da classe (de homens de côr, porque o termo negro só mais tarde foi aceito)."

Ao lado desta situação, pela qual se percebia que os negros começavam a tomar consciência de sua existência como grupo aparte e com problemas específicos dentro da nossa sociedade, permanecia ainda, imperando de fato, a situação passada.

"Desde 1915 vinham sendo fundadas organizações de negros que acabavam se disvirtuando e virando bailes. É fato que os fins dessas sociedades não eram de arregimentação da raça, mas sim culturais e beneficentes. Assim foram fundadas de 1918-24 a Sociedade Beneficente 13 de Maio, o Grêmio Recreativo e Cultural, e outras. Constitui exceção, nesta época, o Grêmio Recreativo Kosmos, que realizou o seu programa educativo: teve um grupo dramático, e um jornal que publicava notícias sociais e ensaios literários."

"Ao lado destas intenções sérias, continuavam os negros a ser capangas e, quando não, a fazer peregrinações em escritórios de políticos. São dessa época duas organizações: a Federação dos Homens de Côr e a Sociedade Beneficente Amigos da Pátria. A Federação foi fundada pelos componentes da Ordem do Rosário e outras entidades, tendo duração efêmera; entretanto, um negro, Jaime de Camargo, continuou a ~~recolher~~ recolher contribuições, em nome dela, nas ~~suas~~

altas esferas políticas. É significativo o fato de, num 13 de maio (antes de 1924, provavelmente) êsse Jaime ter feito uma comemoração com um grande banquete do qual participaram políticos e não, negros. O nome da Sociedade Beneficente Amigos da Pátria era usado por um negro de nome Salvador de Paula, para peregrinações em escritórios de políticos."

A "consciência racial" que então se formava pode ser melhor avaliada pelo tipo de vida que nesse pesquisado levava na ocasião e por fatos ocorridos nessa época:

"Eu levava vida de boêmio intelectual. Frequentava o Bar Porta Larga no Piques, o Aveline na Praça João Mendes, e um outro na Barão de Paranapiacaba. Enquanto não saía o jornal, era essa a vida: discussões sobre opiniões de 'sociólogos', a respeito do negro. Lembro-me de algumas: 'o negro representa a redenção universal' (Rocha Pombo); 'o negro madrugou no alicerce da formação da nacionalidade e da nossa base econômica; 'o negro a companhia o branco desde o berço até a sepultura'; ' dos negros é que ninguém jamais quiz se ocupar, comentando assim o maior crime da nossa história' (Silvio Romero) 'o negro é a imagem de Cristo talhada em ébano'. Condenava-se os nomes dos que não tratavam os negros com a devida justiça e viam neles um elemento de atraso - entre êstes encontrava-se Oliveira Viana, a quem chamávamos de 'mulato safado'. Eram frases e opiniões que publicávamos no Clarim. Eram comuns também discussões sobre o porque de poetas negros fazerem versos exaltando as cousas claras, como Cruz e Souza

que só falava em cousas alvas, alabastrinas".

Em 1926, um negro, filho de um professor de latim, negro, muito conhecido, quiz entrar num club de regatas (Tietê ou Espéria, não me lembro bem). Foi ~~re-~~ barrado. O cronista Carlos de Campos Sobrinho iniciou, pelo Diário da Noite, uma campanha contra essa atitude. Como resultado da posição do cronista, o jornal recebeu uma grande quantidade de cartas apoiando o gesto da diretoria do club. A argumentação que então se fez para justificar o club, invocava o atrazo de Cuba e outros paizes dirigidos por negros e cuja maioria da população era constituida de negros. Nessa ocasião o cronista foi procurado por um grupo de negros que, cumprimentando-o, ofereceu-lhe uma braçada de flores. Entretanto, a disposição geral favorável ao club levou-o a desistir da campanha."

"Também em 1926 foi lançada a ideia de ^{MONUMENTO} um ~~movimento~~ à mãe negra, pelo jornal do Rio "A Notícia". Em 1927-28 essa ideia tomou corpo em São Paulo, chegando a aparecer pedidos de verba na Câmara. O Congresso Federal votou uma verba de 200 contos, a pedido de Georgino Avelino, o qual, juntamente com o relator Gilberto Amado, fez grandes elogios aos negros e à sua contribuição no desenvolvimento do Brasil. Em São Paulo, a Assembleia votou uma verba de 50 contos. Este seu ato foi atacado por Couto Esher (natural ou descendente de alemão), dizendo que um ^{MONUMENTO} ~~movimen~~to à mãe ~~negra~~ negra na capital da República só podia provar que o Brasil era um país de negros."

Outro fato liga-se à viagem do Jau em 1927. Em Casablanca um dos tripulantes brigou com os demais

porque seu nome não figurava como membro da tripulação. Os jornais daqui atribuíram essa atitude à sua cor - era mulato. As insinuações safadas eram feitas nas entrelinhas, mas nós negros, acostumados a ver essas safadezas, percebemos logo. Para desmentir o que foi dito desse tripulante, um outro, Newton Braga, também mulato, manteve-se junto dele, fielmente."

A preocupação de discutir seus problemas, da qual o Clarim da Alvorada é um reflexo e um incentivador; a solidariedade para com uma pessoa que os defende; o estado de espírito preparado para perceber um tratamento diferencial, como no caso da viagem de Jaú; a sensibilidade e a agudeza usados na percepção, são índices de que começavam a ver que a condição de negro implicava numa posição social especial.

Neste momento, em que o negro começava a tomar consciência (uma consciência ainda nublada, confusa, toda cheia de contradições) de sua situação social, "aparece um negro, Antônio Carlos, hoje major em Barbacena, com a ideia de formar uma biblioteca exclusivamente para negros. Surgiu, desta ideia, uma instituição com o nome de Centre Cívico Palmares, que assumiu logo um papel sui-generis entre os movimentos de negros. "A finalidade nitidamente cultural com que surgiu - organização de uma biblioteca - foi superada por força das condições em que vivíamos, passando essa sociedade a ter papel na defesa dos negros e dos seus direitos. É esclarecedora, nesse sentido, a campanha que fez contra uma portaria do chefe de polícia, dr. Bagtos Cruz, que impunha a condição de branco para aceitação na Guarda-Civil. Conseguiu o Palmares, que o deputado Or-

lando de Almeida Prado fizesse um discurso de grande repercussão, o qual provocou a queda dessa determinação. O diretor, ^{da guarda} nessa ocasião, disse: 'com a entrada de negros, podemos abrir a porta a mórfeitos e portadores de defeito físico.' "

Dêste momento em diante o Centro Cívico Palmares passa a ter certo papel na política. É quando ^{se}/verifica-~~xx~~ o rompimento do grupo do Clarim da Alvorada com essa sociedade. Era então presidente dela, um negro estrangeiro, Mr. Gittens. O grupo do Clarim entendia que não ficava bem um estrangeiro estar à testa de um movimento político, dirigindo nacionais. Isso depunha contra nós, pois mostrava a nossa incapacidade..."

O Palmares reuniu os homens que, mais tarde, no decênio de 30, iriam separar-se em dois grupos e travar uma luta sem tréguas para a imposição de seus ideais aos negros. Ai estavam os irmãos Veiga dos Santos e José Correia Leite; Vicente Ferreira aí se integrou quando veio para São Paulo.

Vejamos ainda outros fatos, ocorridos no período de 1927-30, de importância para a compreensão dos movimentos de negros.

"Em 1927, Vicente Ferreira, vindo do Rio exclusivamente para falar no sepultamento de Carlos de Campos, impressionou, pela sua oratória, todos os presentes à cerimônia fúnebre - e discursou ao lado dos maiores oradores da época (Roberto Moreira, Alfredo Pujol e Armando Prado). Depois disto, ficou em São Paulo, pois aqui encontrou

o elemento que no Rio não conseguira formar ou não existia, e se integrou, desde logo, no convívio social dos negros. Era pobre, paupérrimo; dormia numa hospedaria quando tinha dinheiro para o quarto. Não trabalhava e bebia pinga. De seus negros, recebia dinheiro; de branco, nunca. Era semi-analfabeto, não sabendo escrever o próprio nome, mas era um grande orador popular. Como tal participou, nessa ocasião, de uma série de comícios populares, realizados afim de preparar as homenagens a serem prestadas aos tripulantes do Jaú. Foi, desde essa época, o principal orador de tôdas as reuniões de negros."

"Tendo encontrado o Palmares fundado, nele se integrou, dando, por ocasião de sua entrada nessa organização, uma entrevista, no 'São Paulo Jornal', que abalou os negros daqui, devido às acusações que fazia contra eles, por não estarem apoiando aquela organização. Disse entre outras cousas: "os negros de São Paulo estão sambando em cima dos túmulos dos seus avós e amarelecendo na maior promiscuidade nos porões da cidade."

"Quem respondeu a êsses insultos, defendendo os negros, foi o Clarim da Alvorada. Assim, entraram em choque, só mais tarde sendo apaziguados pelo presidente do Palmares, na época um negro estrangeiro."

"Foi Vicente Ferreira quem introduziu o termo negro para substituir o então usado e vazio homem de côr. Homem de cor também é o amarelo e o índio; acabou com essa baboseira de homem de côr, que não quer dizer nada."

Fixemos nossa atenção, por mais algum tempo, em Vicente Ferreira, afim de ^mlebrar alguns fatos de sua vida que servem para esclarecer certos aspectos dos no-

vimentos e da vida dos negros.

"Havia, na Faculdade de Direito, um esqueleto de uma negra conhecida por Jacinta. Mudando o Diretor da Faculdade, o novo achou que aquilo era uma heresia e mandou que o enterrassem com toda a pompa que um corpo merece. No dia do enterro compareceram representantes de muitas organizações negras e, no Cemitério São Paulo. Vicente Ferreira pronunciou um dos mais felizes discursos de sua vida: fez os estudantes chorarem, descrevendo o São Paulo do tempo de Jacinta."

"No fim da célebre conferência do dr. Batista Pereira, sob o título 'O Brasil e a Raça', em que criticava Gobineau, houve um grande tumulto entre os estudantes para resolver se o Vicente Ferreira devia ou não falar. Acabou falando e defendendo a raça negra."

"Na páscoa dos operários (1929) realizada na Igreja de Pari, presentes, e mais tarde interventor Macedo Soares e o então Abade de São Bento, Vicente Ferreira, que lá estava em companhia de Carlos Cavaco, pronunciou um grande discurso que, como sempre, evocava o malsinado destino dos negros. Terminado o discurso, o Abade, no meio do grande público, beijou Vicente Ferreira na testa, para mostrar que a Igreja Católica não tinha nenhum preconceito contra os negros. Na volta da Igreja, o Vicente Ferreira, que andava sempre modestamente trajado, foi convidado ^a para vir para a cidade em companhia do dr. Macedo Soares. Vinha o Carlos Cavaco ao lado do chofer e atrás, o Vicente Ferreira ladeado pelo Macedo e o Abade. Na cidade, o Macedo in-

sistiu em levá-lo até a residência - não tinha residência fixa: dormia numa hospedaria que havia no Largo de Piques, quando conseguia 2\$000 para pagar a cama. O Macedo, vendo a situação de Vicente Ferreira, convidou-o a passar em sua casa no dia seguinte para tomar um café, e disse-lhe que pedisse qualquer coisa, pois estava disposto a ajudá-lo. O Vicente Ferreira, antes de procurar o Macedo, passou na redação do Clarim e disse aos seus companheiros que iria dar uma lição àquele ilustre paulista, prevenindo, assim, que para ele nada pediria, mas antes solicitaria o favor de um empréstimo da quantia necessária para o Clarim montar uma pequena oficina. De fato o fez, mas o Macedo, espantado com o pedido, solicitou uma coleção do jornal em questão, afim de estudar o assunto; mais tarde devolveu-a, dizendo que não poderia ajudar os negros a ter um jornal como aquele. Propôs ^{o Macedo} a transformação do Clarim numa revista de ilustração, ^{comprometendo-se a conseguir} pedindo que a revista fosse feita por um preço razoável."

"Na campanha presidencial, Vicente Ferreira, por uma questão afetiva (relações pessoais com a gente ~~xxxxxx~~ de Silvio de Campos) ficou ao lado do Partido Republicano Paulista. No primeiro comício do Partido Democrático, quando ninguém sabia ainda qual a sua posição, foi ele aclamado pela assistência, declarando-se então contra o candidato do Partido Democrático; acabou saindo corrido em companhia do periodista Sucupira."

"Em 1928 o Clarim da Alvorada tentou realizar o que se chamou, então, Primeiro Congresso da ~~Associação~~ Sociedade Negra, tendo enviado convites aos intelectuais negros. Destes, somente o dr. Arlindo Veiga dos Santos acci-

tou-o, tendo escrito uma mensagem publicada no Clarim e na "A Capital" e ficado encarregado de redigir o programa. O dr. Evaristo de Moraes enviou uma carta dando sua adesão ao Congresso. Houve nessa época, uma reação contrária, na imprensa da Capital, tendo o Diário da Noite publicado editorial nesse sentido."

"E também desse período ⁻¹⁹²⁸⁻ o movimento para que 28 de setembro fosse considerado o dia da Mãe Negra. Em 28 de setembro de 1928 "A Gazeta" publicou a notícia do roubo, por uma negra, do colar de sua patroa, sob o seguinte título: 'No dia da Mãe Negra, Josefina roubou o colar'. Dois dias depois um português publicou, na secção-livre do 'Diário Nacional', um artigo com o título: 'Pede-se mais respeito aos negros'. O Grupo do Clarim descobriu quem era o autor e foi visitá-lo afim de agradecer a defesa espontânea - era um guarda-livros recém chegado de Portugal."

"Ainda nessa época foi lançada a ideia de erguer-se uma erma a Luiz Gama. O idealizador desse movimento (Argentino Celso Wanderley, presidente do Club Carnavalesco Campos Elysios) convidou o jornalista Lino Guedes (mais tarde conhecido como poeta) ^{para} exercer as funções de diretor intelectual."

"O Fanfala, jornal da colônia italiana e arauto do fascismo, publicou um artigo no qual se dizia que São Paulo, colonizado pelos italianos, ainda não havia conseguido branquear sua população. Ainda mais: os estrangeiros sentiam-se mal, quando aqui chegavam, vendo tanto negro andando pelas ruas. Estes comentários provocaram uma reação nos estudantes de direito que, numa atitude de repulsa, tomaram

taram deprender o jornal.

1930 - 1932: A Frente Negra, divergências do grupo do Clarim, a Legião Negra de São Paulo, e Clarim da Alvorada.

Os movimentos de negros adquirem, na década de 30, um conteúdo novo. De fato, se já podiam ser notadas, na ação do Clarim da Alvorada, no Palmares, na tentativa de realização de um Congresso da Mocidade Negra, intenções de reivindicação de um grupo que até então vivera à margem da sociedade, é só na referida década que procuraram os negros arregimentar sua massa para conseguir maior eficiência na efetivação dessas reivindicações. Para isto concorreu, ao lado das transformações sociais expressas nos fatos apontados na parte anterior, " a não concretização das esperanças que negros depositavam na revolução de 30 " .

As condições de vida dos negros, pouco satisfatórias até então, agravaram-se com a crise de 29, que fez grassar entre eles o desemprego. Este fato criou uma situação favorável para a emergência de um movimento reivindicatório, ao deixar sem ocupação elementos em condições de estabelecer o contácto entre elite e massa, elementos esses que, por sua vez, encontraram campo favorável para a ação, num meio descontente com o desemprego. Neste sentido, a descrição que o depoente faz dos cabos, isto é, "daquêles que tinham o encargo de sair pelos bairros à procura de partidários",

é bastante sugestiva: " eram desempregados em virtude de uma situação de paralização do trabalho, viviam com dificuldades, e abraçaram com entusiasmo esse encargo; tinham também interesse nessa atividade, pois os inscritos pagavam 1\$000 por mês e nem todos os cabos eram fieis - no fim de um dia de trabalho sempre dava uns 5\$000 ou 6\$000."

"Antevendo a possibilidade de ter a sua situação mudada com a revolução de 30, os negros entusiasmaram-se e passaram a encará-la como a solução de todos os seus males. Na fase revolucionária os negros estavam contentes... podia mesmo ser observado, entre eles, um espírito vingativo: a satisfação de ver aquêles velhos homens da política perderem a posição dominante. A revolução, feita para liquidar um estado de coisas que predominava desde o início da República, serviu, na realidade, para satisfazer a ânsia, dos que estavam por baixo, em ocupar uma posição de destaque na vida nacional - pelo menos, aos que viveram a situação revolucionária, assim se apresentava." (1)

(1) Talvez o sucesso econômico dos imigrantes no radores do Bexiga, que viviam ao lado dos negros, também tenha um papel importante no despertar da ideia de uma organização para patrocinar o levantamento social, econômico e cultural do negro, assim como na de defesa de suas reivindicações. Não tenho elementos para esta afirmação, mas me parecem sugestivos dois fatos: um, o de terem, os movimentos de negros, surgido no Bexiga e não na Barra Funda, zona também de população negra densa; outro, o de depoente, tendo passado sua adolescência em casa de família italiana, fazer referências ao "erro que o negro estava percebendo em 27-28, de não ter imitado o imigrante, ao ter este último passado necessidades e alimentado-se mal - fato de que o negro caçoava. Nessa época os italianos eram donos de todo o Bexiga e seus filhos, quando não doutores, eram guarda livros, alfaiates, marceneiros, ou tinham pequenas casas de comércio, enquanto os negros ainda viviam em porões e sofriam as mesmas picadas da desigualdade econômica. O Clarim chamou a atenção para este fato muitas vezes."

São estas as condições vigentes à época em que surgiu a Frente Negra. "O fundo psicológico que permitiu a pronta aceitação desse movimento e o entusiasmo com que os negros aderiram a ele liga-se ao fato de que o negro estava cansado de viver numa situação de descaso (1) e de ser visto sempre, em suas aspirações e anseios, a partir de um falso sentimentalismo, mais do que prático, pelos homens de responsabilidade pública, historiadores e sociólogos. Estes, sempre que se referiam ao negro, era para contar aquela velha ladainha de que tinham mamado no seio de uma negra, como se isso trouxesse, para o negro, alguma vantagem ou favor. Quando não isto, era a também velha história de que o negro madrugou nos alicerces da formação da nacionalidade, que era bom, afetivo, tendo sempre acompanhado o branco, desde o berço até a sepultura."

Se, nessas condições sociais existiam forças agindo no sentido de possibilitar a emergência do movimento, assim como de impulsioná-lo na direção do êxito, existiam também outras a emperrá-lo. "A dependência econômica dos negros em relação aos brancos diluía o espírito de revolta. É sugestivo, nesse sentido, o seguinte fato: um dos responsáveis pela Frente (Isaltino Veiga dos Santos) quiz dar uma entrevista violenta contra os brancos, em um dos jornais da capital, mas o redator objetou, argumentando que ele ia atacar a brancos em um jornal de brancos. Há também a considerar o medo das consequências de incentivar os negros à revól

(1) Neste sentido é expressivo o modo como encravam a Frente. "Diziam mesmo: agora sim nós temos quem nos defenda, ou dirigindo-se aos italianos: agora não são só vocês que têm os cônsules, nós também, os negros, já temos um consulado para defender nossos interesses."

ta, o qual, pela boca de um d'elles, assim se expressa: 'se você assanhar todos esses negros, como é que isto vai ficar?' Ainda, havia negros que depois de assistir às reuniões da Frente, comentavam com brancos as discussões presenciadas e, ouvindo d'elles que entre nós não eram necessários tais movimentos, nos abandonavam."

"O conhecimento dessa conjuntura não permitia que fossemos otimistas com relação ao êxito da Frente Negra. Por este motivo, o seu extraordinário sucesso deixou os elementos de sua direção abalados e sem saber que orientação tomar - não foram felizes ou não souberam escolher o caminho, tendo sido essa a causa de seu fracasso.

"A Frente Negra Brasileira congregou, inicialmente, todos os grupos existentes no meio negro. Com o tempo, a sua orientação foi descontentando alguns dos grupos que a integravam e provocando o desligamento d'elles." É fácil o conhecimento da referida orientação, através dos fatos sucedidos nessa fase de organização.

"A palavra frente estava muito em voga quando Isaltino Veiga dos Santos em companhia de outros negros, entre os quais Francisco Costa, reuniram-se em um escritório e resolveram fazer um trabalho e agitação e arregimentação no meio negro."

"Ao se fundar a Frente Negra, em meados de 31, São Paulo via ^o ~~um~~ entusiasmo com que a colô-

nia italiana abraçava e pregava as novas ideias políticas surgidas na Itália com o advento do facismo. As reuniões em organizações dessa colônia eram presididas por pessoas de camisa negra, fazendo-se, aí, a saudação facista; nos círculos de trabalhadores já falava-se muito em Dopolavoro. Os alemães, de seu lado, entusiasmavam-se com a subida de Hitler ao poder. Apareciam, aqui, os primeiros pruridos da ação integralista, semelhante em muitos pontos ao movimento patrio novista dirigido pelo dr. Arlindo Veiga dos Santos."

"Por este motivo, a escolha do dr. Arlindo Veiga dos Santos para a presidência da Frente Negra foi aceita com restrições por vários negros, inclusive pelo grupo que se formara em torno de Clarim da Alvorada. Logo na elaboração dos estatutos, os quais deram à organização um caráter nitidamente facista, surgiram as primeiras divergências, afastando-se nessa ocasião alguns elementos (entre os quais Alberto Orlando). A identificação da orientação da Frente com os ideais direitistas fica bem evidenciada através do fato -ocorrido mais tarde, quando da realização do Primeiro Congresso da Ação Integralista- de haver o dr. Arlindo Veiga dos Santos feito um discurso no qual hipotecava ao referido partido a solidariedade da Frente e seus 200.000 negros. O Grupo de Clarim, percebendo desde já a intenção dos irmãos Veiga dos Santos de fazer dos demais elementos simples caudatários de seus ideais, assumiram uma atitude vigilante e independente em relação aos acontecimentos." Apa

receram nesse momento os primeiros sintomas da divergência logo depois manifestada entre a direção da Frente Negra e o Grupo do Clarim.

"Na primeira grande reunião da Frente Negra, realizada nos salões das Classes Laboriosas, que ficaram totalmente lotados, o grupo do Clarim teve o primeiro choque com a direção da Frente. Um dos componentes do referido grupo apresentou, do meio da assistência, uma sugestão concernente a algumas das diretrizes que deveriam nortear a luta em prol da causa específica do levantamento social, econômico e cultural dos negros. O dr. Arlindo Veiga dos Santos, na presidência dos trabalhos, não aceitou a sugestão."

É sugestivo para se avaliar o espírito dos negros nessa ocasião e também para se ver como abriram se as portas da Frente Negra a Vicente Ferreira, o seguinte fato, ocorrido nessa primeira reunião: "Tendo um dos oradores pronunciado uma palestra muito patriótica sobre o primeiro movimento de independência -a Inconfidência Mineira-, Vicente Ferreira, até então colocado do movimento/ a margem/ pediu a palavra e rebateu as ideias do orador, fazendo ver que, no Brasil, o primeiro grito de liberdade foi dado pelos negros, no seu reduto de Palmares. A grande repercussão de suas palavras, expressa nos aplausos que recebeu, levou a direção da Frente Negra a afrouxar a ordem de que o grande tribuna não poderia participar do movimento."

"A segunda grande reunião da Frente Negra trouxe mais um tropeço para um entendimento entre sua

direção e o grupo do Clarim. Foi anunciado que um cidadão iria levar à Frente o apoio de vinte ou cinquenta mil índios. O grupo do Clarim, prevenido deste fato, apressou-se em elaborar um estudo, mostrando a inconveniência e o ridículo disso, visto como todo mundo sabia que os índios sempre foram bem defendidos, desde os tempos dos jesuitas. Esse trabalho foi lido naquela reunião e não sofreu const^{es}atação, ficando provada a desnecessidade dos negros advogarem a causa dos índios, assim como também a aversão, sempre manifestada por estes últimos, em relação aos primeiros. Com isto, o representante dos índios retirou-se da sessão, não mais se tocando, na Frente Negra, em questões de índios."

Contava a Frente Negra em sua direção, desde o início, com dois irmãos -Arlindo Veiga dos Santos e Isaltino Veiga dos Santos- cujos pontos de vista eram manifestamente diferentes. O sr. Isaltino começou, desde logo, a dar vazão a uma vaidade mórbida, doentia; assim, concedia aos jornais entrevistas de caráter mistificador, prejudicando a causa que a Frente Negra devia defender. A maioria, não compreendendo ou fingindo não compreender o prejuízo que acarretava à 'causa', accitava e prestigiava essa atitude. Por outro lado, o dr. Arlindo moço equilibrado, de um caráter inatacável, com suas ideias de um nacionalismo extremado, arvorou-se em defensor não só dos negros, mas também dos índios. Com isso tudo não concordava o grupo do Clarim que entendia ter a Frente Negra, ou qualquer outra organização feita nos mesmos moldes, como missão histórica, tornar realidade aqueles ideais de levantamento social, econômico e cultural do negro, pelos quais o jornal vinha desenvolvendo um trabalho desde 1924.

Vejamos, com as próprias palavras do sr. Corrêia Leite, qual o fato que fez "entornar o caldo", determinando o rompimento do grupo do Clarim: "Estavam as cousas neste pé quando, encontrando o dr. Arlindo Veiga dos Santos na R. José Bonifácio, em frente ao prédio onde funcionava o jornal 'A Razão', perguntei-lhe se pretendia usar a Frente Negra para a consecussão de seus ideais políticos. Respondeu-me afirmativamente, acrescentando que os integralistas haviam roubado as suas ideias - tinham, mesmo, convidado-o para diretor desse jornal (e apontou-me o prédio d'A Razão) mas deram o lugar a Plínio Salgado. Isto foi a gota d'agua que produziu o meu pedido de demissão do Consêlho da Frente Negra."

"Uma vez definidas as posições opostas, da Frente Negra e do Grupo do Clarim, começou uma luta surda entre êles. Na Frente dizia-se que o grupo do Clarim, e outros considerados inimigos, eram os Judas da Raça. Acusava-se o grupo do Clarim de ser sem ação, de nunca ter feito nada pelos negros, de só saber falar e criticar - são palavras do sr. Isaltino: 'Os nossos seguidores não precisam de intellectuais; precisamos de mais ação e menos palavras.' Por seu lado, o grupo do Clarim continuava a fazer críticas, pelo jornal, à orientação seguida pela direção da Frente."

"Essa luta teve um desfecho imprevisto. O Isaltino cometeu uma falta que envolveu os negros de São Sebastião do Paraizo, onde tinha ido organizar um núcleo da Frente. De lá, pediram que o Clarim advogasse a causa dêles, no sentido de ser aplicado um corretivo ao Isaltino. O grupo do Clarim, entendo que a discussão desses assuntos fugia à

tradição de seu jornal, lançou um outro, chamando-o 'A Chibata'. Foi um alvoroço nas hostes frentenegrinas, aumentando o clima, aí existente, contrário ao Clarim, e chegando mesmo o Isaltino Veiga dos Santos a bradar: 'É preciso morrer um'. Quando estava para sair o terceiro número d'A Chibata, no sábado anterior à Semana Santa de 1.932, a redação do Clarim foi invadida por um grupo de negros armados de cacete que, numa fúria de vândalos, depredaram a casa do diretor do jornal, sr. José Correia Leite, sem, no entanto, tocar na pequena oficina do jornal, situada no mesmo local. (Esta cena foi rápida e brutal, tendo as vítimas do atentado solicitado a abertura de inquérito policial, que terminou sendo arquivado.)"

"Depois deste fato chocante, houve um momento de confusão e de comentários desencontrados, a seu respeito, no meio negro. Notava-se um gesto de reprovação, e ouvia-se alguns protestos velados, através de expressões como estas: 'Heroísmo de Cain'; 'Será o inimigo do negro, o próprio negro?'; e, pilheriando, alguém dizia: 'Não vou na Frente, fico atrás'".

"Formou-se, no espírito dos membros da Frente Negra, graças ao trabalho de Isaltino Veiga dos Santos, a ideia de que a divergência entre o grupo do Clarim e eles não passava de uma mera questão de despeito e inveja, porque aquêles grupo queria ser dono da Frente. Isto, dizia o Isaltino, porque não foram capazes de organizar uma sociedade como era a Frente. Foi este o motivo pelo qual

se resolveu fundar o Club Negro da Cultura Social. Era a resposta à acusação que nos faziam."

"O Cultura, como era chamado, foi instalado na R. Major Quevedo, numa sede modesta, no dia 1 de julho de 1932."

"Estourando o movimento revolucionário de 32, não houve campo para as atividades desses dois grupos no meio negro. O Cultura, recém fundado, nem chegou a iniciar suas atividades. A Frente Negra, 'fundada sob a égide de 30' (Isaltino), com sua atitude pró governo federal, manteve-se isolada da vida de São Paulo no período revolucionário: o movimento, em sua sede, limitava-se quase que apenas aos seus dirigentes, que nela residiam (Isaltino Veiga dos Santos, Roque A. Santos e outros) e alguns cabos".

Antes de tratarmos da formação da Legião Negra de São Paulo, preocupemo-nos com a figura de um de seus organizadores, Guaraná de Santana, antigo membro da Frente Negra.

Tendo retirado-se da Frente Negra, pouco antes da revolução, "fundou um partido político com o nome de Partido Nacional Socialista, aliás o mesmo nome do partido de Hitler, que despertava simpatias em muitos que não previam as suas verdadeiras finalidades. Lançou um jornal com o nome de 'Brasil Novo', onde se declarou o maior

líder negro do Brasil Novo. Partido e Jornal tiveram vida e fêmera porque São Paulo, em plena efervescência dos preparativos para a revolução, absorvia tudo e todos - a palavra de ordem era: 'Tudo por São Paulo', 'São Paulo unido', etc".

"Pouco antes de explodir a revolução, esse homem -que fizera a aproximação da Frente com o General Gois Monteiro, de quem era amigo- pronunciou um discurso das janelas de um dos prédios da Praça do Patriarca, rompendo suas relações com o General, caso êle (Gois) estivesse contra São Paulo."

"Instalada que foi a revolução -embora se soubesse de uma carta secreta do governador Pedro de Toledo aconselhando os chefes no sentido de que evitassem alistar negros e mendigos- Guaraná de Santana e o Major Goulart, auxiliados pelo Capitão Arlindo e por Vicente Ferreira, fundaram a Legião Negra de São Paulo. Prestou a Legião uma grande colaboração à revolução, mas maior colaboração ainda, aos negros, pois veio dar-lhes um crédito através das lutas por êles sustentadas nos setores mais renhidos de combate, crédito êsse necessário quando se sabia que a Frente Negra era um ninho de conspiração."

"Guaraná de Santana era o chefe civil e o Major Goulart e com o Capitão Arlindo, chefes militares. A sede era na Chácara do Carvalho. Mais tarde Guaraná de Santana ~~foi~~ foi afastado do cargo que ocupava (consta que desviou mantimentos), sendo substituído pelo dr. J. Bento de Assis".

"Os negros da Capital, que se alistavam,

conseguiam postos de sargento ou de cabo, mas faziam força para ficar por aqui, num posto qualquer da Legião. Os do interior faziam preparativos muito rápidos e seguiam para o front. É curioso que muitas mulheres acompanharam seus maridos."

"A advertência de Pedro de Toledo, de não alistar mendigos e negros, relaciona-se com a intervenção de General Rabelo, que criou algumas indagações extravagantes. Assim achava que só mendigos e negros podiam pedir alguma coisa, o que criou entre os últimos uma disposição simpática em relação ao regime getulista. Diziam mesmos 'Agora podemos gozar dos nossos direitos, que foram postergados em outros tempos - podemos andar tranquilos nas ruas, ocupar postos na Guarda Civil e outros, antes vedados. Ao lado disso, deve ser considerada a posição da Frente Negra"

"Antes e durante estas lutas, o Clarim da Alvorada procurou preparar-se afim de garantir a regularidade de sua publicação, através de uma sociedade de bases comerciais - sob este aspecto representa a primeira tentativa de organização negra de caracter mercantil. Sob o nome de Sociedade Cooperadora Clarim da Alvorada, tendo como presidente Frederico Batista de Souza, antigo dirigente do Grêmio Recreativo Kosmos e figura respeitada no meio negro, foi feita uma distribuição de mil ações ao preço de 20\$000."

"O capital realizado foi suficiente para montar uma pequena oficina na R. Major Diogo, onde o jornal passou a ser composto. Somente os artigos mais compridos iam para a linotipia. No dia 13 de maio de 1931 foi ~~lan-~~

lançado o primeiro número feito na oficina própria."

"A direção do jornal, querendo dar um cunho mais festivo ao acontecimento, fez realizar, além da tradicional romaria ao cemitério da Consolação, a inauguração de um retrato a óleo de José do Patrocínio, feito por Olavo Xavier, um negro. Falaram nessa ocasião diversos oradores, entre os quais Vicente Ferreira e o dr. Guaraná de Santana."

"Como essa festa havia sido anunciada pela imprensa, recebeu o diretor do Clarim uma carta do dr. Leopoldo de Freitas dizendo que estivera no dia 13 rondando a casa onde o jornal era editado, sem ter coragem de entrar para assistir o ato de inauguração. Dizia ainda, na carta, que o seu interesse se prendia ao fato de ser um dos últimos amigos vivos de Patrocínio e que vinha manifestar o seu contentamento e a sua solidariedade ao gesto dos moços do Clarim ao fazerem de Patrocínio o patrono de sua redação."

1932 - 1938: A Frente Negra e o Cultura

"Terminada a revolução, Guaraná de Santana registrou a Legião como entidade civil. Logo depois, a Legião lançou a campanha 'do mil reis', tendo bandos precatórios saído pelas ruas e pelo interior; conseguiram muito dinheiro, mas ninguém sabe onde foi parar."

"A primeira manifestação de que a Fren

te Negra voltava às suas atividades, foi um boato sem consequências, solto pelo Isaltino, segundo o qual o dr. Arlindo Veiga dos Santos ia ser chefe de polícia. Depois disto, houve um 'serviço' de policiamento feito por seus membros, que constou de uma série de denúncias. Uma delas atingiu Vicente Ferreira, que teve um prazo de 48 horas para sair de São Paulo."

"No clima de abatimento moral posterior à revolução, a Frente Negra anunciou que iria prestar, com uma passeata, uma homenagem ao interventor, General Valdemiro Lima. O General, tomando conhecimento dessa intenção, recusou-se terminantemente a aceitar essa manifestação, pois ela representava uma provocação aos derrotados, e mandou que se cerrassem as portas do Palácio Campos Elísios."

"Nesta fase surge a 'Voz da Raça', órgão oficial da Frente. É essa a segunda tentativa de jornal que fizeram; a primeira, de pouca duração, foi feita antes da revolução, sob a direção dos irmãos Freitas e sob o nome de 'A Promissão'. A "Voz da Raça" era ~~suas~~ dirigida pelo dr. Raul de Amaral. A colaboração era exclusiva de elementos frentenegrinos e estava sujeita a censura por parte da direção. A propósito, nessa época, Benedito Vaz Costa, vendo rejeitadas algumas poesias que pretendia fossem publicadas, enviou uma de Raimundo Correia como se fosse sua - também foi rejeitada."

"Foi expulso das fileiras frentenegrinas Isaltino Veiga dos Santos; logo depois retirou-se da presidência Arlindo Veiga dos Santos. Foram substituídos por Justiniano Costa, presidente, e Francisco Lucrécio, secretário

rio. Saiu, nessa ocasião, um grupo que fundou a Frente Negra Socialista, sem maiores consequências."

"A Frente Negra acabou por se registrar como partido político. O pedido de registro provocou, no Tribunal, discussões sobre a sua constitucionalidade, mas acabou sendo aceito. Os negros não tiveram grande interesse pelo fato, mas os mais ligados aos movimentos de negros ficaram espantados. O golpe de 37 encontrou a Frente Negra registrada como partido político e o governo fechou-a. Transformou-se imediatamente em União Negra Brasileira, sob a presidência de dr. Raul Amaral, que se esforçou para continuar a obra até maio de 1938, quando dos festejos de cinquentenário da abolição."

O Cultura iniciou, de fato, suas atividades. "O antigo grupo do Clarim, deixando por um momento de preocupar-se com a circulação do jornal, entregou-se ativamente na recuperação do tempo perdido, afim de que o club recém fundado não desaparecesse, mas antes se tornasse uma realidade como um movimento exclusivo da mocidade. Seu objetivo era ser um club nos moldes de outros, de brancos, como por exemplo o Tietê, o Espéria, o Paulistano ou a conhecida Associação Cristã de Moços. Apesar de modesto, o Cultura conseguiu imprimir na sua linha de orientação esse caráter, pois, em pouco tempo já tinha um departamento esportivo que conseguiu atrair grande número de moços."

"É interessante notar que seus frequen-

taiores eram, na maioria, filhos e parentes de conselheiros e cabos da Frente Negra. Conseguiu ter, no esporte extra oficial, um prestígio muito grande - patrocinou, por muito tempo, a prova 13 de Maio, corrida de pedestrianismo que, em seu regulamento, abria inscrição somente a negros e mestiços de todos os clubs. Teve várias turmas de bola ao cesto, de ambos os sexos, e preocupou-se com a difusão da prática de ginástica. Possuía uma boa biblioteca e procurou incrementar o gosto pelas boas leituras."

"Pelos estatutos, a diretoria do Cultura era eleita de dois em dois anos, livremente."

"De 32 a 45, bem ou mal, o Cultura existiu. Atravessou a fase de ditadura despistando, tendo os seus dirigentes suprimido a palavra negro do seu nome, que ficou apenas Club de Cultura Social.

É de notar-se, neste período, a ação da Aliança Nacional Libertadora. "Como organização de base popular, procurou envolver os negros. Assim, a Frente, a Legião e o Cultura foram ascediadas por ela. Somente o Isaltino Veiga dos Santos caiu no canto da sereia, tendo dado várias entrevistas e tendo ingressado no jornal 'A Plataia' onde assinou um manifesto que resultou em sua prisão como comunista."

Depois desta tentativa de agitação, os negros tiveram um período calmo até 1936, quando foi come-

morado o 50º aniversário da abolição. Nessa fase, cada um dos grupos agia em seus setores, não se preocupando com a ação dos demais.

"O cinquentenário foi dignamente comemorado, tendo a organização dos festejos estado a cargo dos negros (de todos os grupos) e do Departamento de Cultura da Prefeitura, então dirigido pelo sr. Mário de Andrade. Uma mudança de governo, à última hora, impediu a realização completa do programa organizado. Tiveram lugar, entretanto, várias sessões cívicas e educativas, no salão Trocadero, nas quais se alternavam oradores apresentados pelos negros e pelo Departamento de Cultura."

"Aproveitaram os negros a presença do sr. Arthur Ramos, entre nós, para prestar-lhe uma homenagem. Durante o banquete, o grande estudioso dos problemas do negro no Brasil, ficou conhecendo esta parte das lutas sociais dos negros, que desconhecia e pelas quais se interessou vivamente."

"Depois deste movimento, por força das leis que a ditadura começara a impor, os negros ficaram impedidos de ventilar os seus problemas específicos e de lutar pela sua solução."

1945: Associação dos Negros Brasileiros

Não quis o depoente prestar informações sobre este período, alegando ser história recente. Forneceu-me uma coleção de "Alvorada", órgão oficial da "Associação

dos Negros Brasileiros", fundada ~~seguida~~ com a democratização do país.

Observa-se, pela análise do jornal, que os elementos responsáveis por esta organização foram os mesmos que tomaram parte nos acontecimentos passados. Havia na ve praticamente não existia. O presidente foi o próprio de- peente e secretário geral, o dr. Raul do Amaral. Os demais membros da diretoria haviam pertencido aos dois grupos que se degladiaram desde 31, quando os elementos do Clarim abandonaram a Frente Negra.

A base do programa é a necessidade de levantamento social, econômico e cultural do negro. Esta intenção é perseguida através de um planejamento objetivo, onde não figura qualquer relação com a política, desligamento esse constantemente afirmado. Assim, organizou-se um programa em que aparece como primeiro ponto, a inscrição de mil sócios, a Cr\$20,00. Vencida esta etapa, lançou-se a campanha do prédio próprio, para o qual ^{se} chegou-se a comprar terreno. Enquanto isso, o jornal fez uma campanha de esclarecimento das finalidades da Associação e prega a união dos negros em torno dela. Verifica-se também publicação escrupulosa de balanços acusando o movimento da caixa.

Em 1948, o Sr. José Correia Leite foi substituído, na presidência, pelo sr. Raul do Amaral. Logo depois, a Associação suspendeu suas atividades.
